

Marxismo e Romantismo - Entrevista com Michael Löwy

Henrique Carlos de Oliveira de Castro

Universidade de Brasília

Entrevista com o professor Michael Löwy, realizada em 8 de Dezembro de 2011, em Paris, sobre a relação entre marxismo e Romantismo.

Henrique Carlos de Oliveira de Castro:

Professor Löwy, antes de tudo gostaria de perguntar como o senhor define Romantismo no âmbito do marxismo?

Michael Löwy: Bem, acho que a melhor definição de Romantismo é uma que aparece em Marx, no Grundrisse, Fundamentos da Crítica da Economia Política. Marx diz que os românticos se referem a uma plenitude que existiu no passado e propõe voltar a esse passado, o que não tem sentido. Os liberais apologistas da burguesia defendem o vazio atual, o que obviamente também não nos interessa. Na realidade, o pensamento burguês não consegue enfrentar a crítica dos românticos, é incapaz de dar uma resposta. Segundo Marx, portanto, o Romantismo vai acompanhar a civilização burguesa até o seu feliz desaparecimento. Isso é muito interessante, Marx aí resumiu o essencial: o Romantismo é uma visão crítica da civilização burguesa que se refere a um passado no qual a vida humana tinha uma plenitude muito maior. Então, Marx parece aceitar esta idéia de que a plenitude existiu no passado, contudo, ele diz que não podemos voltar ao passado, é impossível, tem que

pensar no futuro.

A civilização burguesa é o vazio. Os pensadores liberais fazem apologia aos valores culturais, humanos, que puderam existir no passado, entretanto, a crítica romântica vai acompanhar a civilização burguesa enquanto ela existir, com certa legitimidade, embora em última análise errada porque quer voltar ao passado.

No século XX alguns marxistas, sem se referir aos Grundrisse, por sua própria conta, começaram a trabalhar o Romantismo, entendendo-o como uma forma de pensamento que se opõe ao capitalismo. Essa é a ideia principal que vamos encontrar em Lukács a partir dos anos 30, e em um discípulo de Lukács que é Karl Mannheim, que depois vai se afastar do marxismo. Os trabalhos deles tem muita influência do marxismo, os dois compartilham dessa ideia de que o Romantismo é uma crítica ao capitalismo, tem uma dimensão, anti-capitalista. Só que tanto Lukács como Mannheim, de maneira distinta, defendem a ideia de que esse anti-capitalismo romântico ou Romantismo anti-capitalista é, em última análise, regressivo, retrógrado, reacionário, e conservador. Mais tarde vamos encontrar alguns outros marxistas que tem uma visão mais complexa do Romantismo, é o caso de Ernest Fisher, marxista austríaco; Raymond Williams, marxista inglês; E. P. Thompson,

historiador inglês. Esses já vão ter uma visão de que dentro do Romantismo há várias vertentes, algumas efetivamente conservadoras, mas outras com uma dimensão utópica ou revolucionária. Mas tudo isso são pistas, nenhum desses autores chega realmente a construir uma teoria do que é o Romantismo. São sugestões, hipóteses, análises pontuais. Faltava e é o que tentei fazer, partir dessas pistas para tentar construir uma teoria marxista de conjunto do fenômeno romântico. Eu fiz isso com um amigo, chamado Robert Sayre, com o qual nos colaboro já há alguns anos. O livro saiu em francês, inglês, português e espanhol. Publicado no Brasil pela Editora Vozes, só que esgotou rapidamente.

Se pegarmos um manual de história da literatura estará escrito que o Romantismo é uma escola literária que apareceu no começo do século XIX e terminou em meados do século XIX; e o mesmo na história da arte – a arte romântica apareceu no começo do século XIX e acabou em 1830; na música também. Então, a primeira coisa a se dizer é que o Romantismo está presente obviamente na literatura, na música, na arte, na pintura, na poesia, mas também está presente na política e no pensamento político. Existe um Romantismo político, inclusive há livros, sobretudo em inglês, alguns em alemão, que configuram o Romantismo na política, uma teoria política romântica. Existe Romantismo na filosofia em vários autores, filósofos românticos, como Schelling, por exemplo. Existe Romantismo nas ciências humanas, na antropologia, na sociologia... e existe mesmo Romantismo na economia política. Há um texto de Lenin que se chama “Contra o Romantismo Econômico”, que é uma polêmica com os discípulos russos de Sismondi. Existe Romantismo na teologia, no

pensamento religioso. Então, na verdade o Romantismo atravessa o conjunto das manifestações da cultura humana. Assim, temos que vê-lo como a visão do mundo, *weltanschauung*, no sentido que o sociólogo marxista Lucien Goldmann dava a esse conceito, uma concepção que atravessa um conjunto das formas de pensar, seja a arte, a cultura, a política, a religião, etc. e que tem uma coerência interna que naturalmente está relacionado com a economia, com a luta de classes, etc.

O Romantismo é uma visão do mundo, uma visão do mundo mas qual é o seu núcleo no sentido dialético do Romantismo? Bom, o Romantismo é um protesto cultural contra a civilização capitalista industrial moderna, ou a civilização burguesa industrial. Esse é o sentido, mas um protesto que se faz em nome de valores do passado pré-capitalista, pré-moderno, pré-industrial, obviamente idealizado, um passado idealizado. É em nome desses valores do passado que se vai criticar, que vai se protestar contra a civilização capitalista. Bom, então esse é o sentido, a coerência da visão de mundo romântica. Bom, quando é que surge o Romantismo? Obviamente não há uma data, mas ele surge mais ou menos na época da Revolução Industrial, isto é, na segunda metade do século XVIII, paralelamente na França, nos países capitalistas mais avançados da época: na França, na Alemanha e na Inglaterra e com formas literárias e políticas, etc. e filosóficas.

Obviamente não há uma data de nascimento do Romantismo, mas se pode dizer, se tivesse que o fazer, que 1754, o ano em que Jean Jacques Rousseau escreveu o “Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens”, que é um livro seminal do Romantismo

político. Bem escrito, porque Rousseau é um bom escritor que depois vai escrever novelas, encara o carácter polivalente romântico. Rousseau afirma que os seres humanos viviam livres e iguais, no estado de natureza, uma ficção teórica dele, em que existia igualdade e liberdade. Maldito o dia, escreve Rousseau, em que um individuo cercou um pedaço de terra com uma cerca e disse: - “isso é meu”. Aí nasceu a propriedade privada e daí veio pouco a pouco o fim da igualdade e da liberdade. Estou resumindo a frase, ela é muito mais complexa, entretanto, este é o argumento romântico típico. Mas Rousseau não quer voltar ao “estado de natureza”, obviamente ele sabia que isso era impossível, então o que ele propõe é pensar numa sociedade futura, democrática na qual esses valores do passado: a liberdade e a igualdade, serão restaurados de uma forma diferente. Este raciocínio é o que eu chamo o Romantismo Revolucionário; que se opõe ao Romantismo Reacionário que quer voltar ao passado. Há estes dois pólos desde a origem do Romantismo: o pólo regressivo, restaurador, reacionário, passadistas e restaurador, que quer uma volta ao passado. E há um outro pólo que não quer o passado, mas uma volta pelo passado em direção ao futuro – e isso então, tem uma dinâmica utópica revolucionária. Rousseau inaugura isso, ele se refere a esse passado, mas ele não quer voltar ao passado, uma volta ao “estado de natureza”, o que ele quer uma democracia futura que implicitamente é uma revolução, não é por acaso que ele vai ser o pensador que inspira a Revolução Francesa. E a partir de Rousseau vai surgir toda uma herança do Romantismo Revolucionário, na literatura, na poesia, na política. William Blake, na Inglaterra, poeta e artista; Schelling poeta romântico inglês, Novalis poeta revolucionário alemão, entre outros.

A nossa hipótese é que o Romantismo nasce em meados do século XVIII mas não termina nem em 1830, nem em 1848, ele continua e atravessa os séculos XIX e XX. Porque, como já tinha previsto Marx, enquanto existir o capitalismo e a burguesia o Romantismo vai estar lá como a sua sombra. Então, o Romantismo atravessa o século XIX, no fim do século XIX aparece correntes do pensamento, do movimento literário que são designados como Neo-Românticos, como o Simbolismo.

Vários Românticos são reacionários, mas também há, por exemplo, William Morris, que é um socialista libertário, revolucionário, tipicamente romântico, alguém que no fim do século XIX retoma a Idade Média, mas para se pensar uma revolução socialista, no modelo anarco-marxista, o mais radical. Depois entramos pelo século XX, quando também há várias manifestações do Romantismo, tanto reacionárias como revolucionárias. Entre os revolucionários, o surrealismo, que se identifica politicamente com a extrema esquerda, com o comunismo, depois com o trotskismo, depois com o anarquismo, e que é obviamente um movimento cultural, artístico que tem uma dimensão política forte e que é tipicamente romântico.

Mas quais os aspectos da civilização burguesa que o Romantismo vai criticar? Não são os mesmos aspectos que figuram como críticas do movimento operário, não é a exploração do trabalho pelo capital. É, entretanto, uma crítica ao desencantamento do mundo. O mundo capitalista é prosaico; é o mundo que tudo o que faz a poesia, o encantamento e a mágica da vida social, cultural, religiosa, vai desaparecer. Então, o Romantismo é uma tentativa, às vezes desesperada, de reencantamento político, que toma formas

reacionárias quando se pretende, por exemplo, restaurar a religião medieval, como o faz Novalis. Grande poeta romântico alemão do começo do século XIX, Novalis é meio ambivalente no começo, até simpatiza com a Revolução Francesa, mas depois ele vai se orientando no sentido de querer restaurar o cristianismo na Idade Média. Isso é uma forma de reencantamento do mundo. O surrealismo, por exemplo, é violentamente anti-religioso, então o reencantamento do mundo passa pela poesia, passa pelo acaso, pelo jogo mágico com as palavras.

O segundo aspecto é a questão da quantificação. No capitalismo, os valores qualitativos são dissolvidos no ácido, no ácido da quantificação. Tudo é quantidade. O bom e o mal, o belo e o feio, o terrível e o magnífico, vão desaparecendo e só sobra um, dez, mil, um milhão, um bilhão. A quantificação é a lógica do capital e, em particular, a quantificação monetária. Tudo se torna mercadoria, tudo é vendido a um preço. O Romantismo se revolta e protesta contra isso. No caso dos mais conservadores tenta restaurar os valores qualitativos do passado ou pensa, no caso dos revolucionários, em restaurar a dignidade e a solidariedade, mas numa utopia futura. Esse é o outro aspecto: o Romantismo protesta contra a quantificação.

Terceiro aspecto, também é um protesto contra a mecanização da vida econômica, a começar pelas máquinas, mas não só, a vida social, a vida cultural... tudo isso se torna mecanizado, tudo é transformado em processo mecânico. A começar pelo trabalho, o trabalho do artesão, do artista que era o trabalhador do passado desaparece e o trabalhador vira o apêndice da máquina. Aquilo que o Chaplin mostra no Tempos Modernos é uma bela crítica romântica da

mecanização, e é um tema que atravessa a história do Romantismo, assim como a ideia de que o próprio ser humano vai virar um autômato, uma espécie de máquina, e essa visão terrível é outro tema da crítica romântica.

E, finalmente, há o tema da dissolução das relações comunitárias, das comunidades, ou seja: a família, a nação, a aldeia, outros, tudo que é relação comunitária é dissolvida e só fica a atomização dos indivíduos em competição com os outros, a guerra de todos contra todos, aquilo que Marx chamou de “as águas geladas do cálculo egoísta”, no Manifesto Comunista. Esse é outro aspecto da crítica romântica à civilização burguesa. É isso que eu e Robert Sayre chamamos de Romantismo como visão do mundo anti-capitalista.

HCO: *professor, dentro dessa visão, que é contrária ao senso comum do Romantismo, seria demasiado falar na existência de um marxismo romântico, existe isso?*

ML: Sim, existe. Mas em primeiro lugar é preciso esclarecer que Marx e Engels não eram românticos. A visão de mundo deles é mais a da ilustração, são herdeiros da ilustração, mas existe nas obras de Marx e Engels um momento romântico no sentido dialético, uma dimensão romântica. Por exemplo, na economia política, Sismondi que é um economista romântico, que critica a civilização burguesa e a civilização do capitalismo, em nome da sociedade dos artesãos, dos camponeses, do pequeno camponês e do pequeno proprietário. Em última análise pode-se dizer “é uma visão reacionária”. Marx no manifesto comunista fala de Sismondi como socialista, mas

pequeno burguês ou reacionário; Sismondi é uma referência muito importante para Marx, e no próprio Manifesto Comunista Marx menciona que Sismondi criticou a desigualdade social característica do capitalismo, assim como a acumulação da riqueza num pólo e da pobreza noutro, a criação do desemprego pelo processo de introdução das máquinas, a pauperização dos camponeses, etc. Ele vai em todo um parágrafo citando as críticas de Sismondi ao capitalismo – são as mesmas de Marx. Marx retoma todas as críticas de Sismondi ao capitalismo, só que, obviamente, a alternativa não é a de Sismondi, de restaurar o artesanato e o campesinato, é uma perspectiva de futuro. No livro chamado Teoria da Mais-Valia, Sismondi tem lugar importante, porque contrariamente a David Ricardo e Adam Smith, porta-vozes da burguesia progressista, digamos, ele tem uma visão crítica do capitalismo. Ele fala das crises, coisa que David Ricardo e Adam Smith nem querem ouvir falar. Sismondi afirma que o capitalismo inevitavelmente provoca crises. Marx diz “olha aí, essa ideia é importante”. Então, Sismondi é uma das fontes das críticas de Marx ao capitalismo.

Fundamentalmente Marx e Engels não são românticos, embora haja essa dimensão romântica também presente na relação deles com a literatura. Marx como Engels afirmam que aprendemos mais sobre a civilização burguesa lendo Balzac do que todos os tratados de economia política. Balzac é um romântico reacionário, é um crítico da civilização burguesa em nome de valores aristocráticos do passado que ele idealiza, obviamente. É certo que Marx não compartilha dessa visão, mas a crítica que Balzac faz à burguesia, a maneira como ele descreve o funcionamento da sociedade burguesa, Marx

retoma isso, utiliza isso de maneira muito significativa. Então, o Romantismo, a crítica do Romantismo ao capitalismo é uma das fontes de Marx e Engels, é algo que eles vão integrar na sua perspectiva, mas a perspectiva em conjunto dele não é romântica.

Na história do marxismo, contudo, surge uma corrente que se pode designar como Marxista Romântica. Por exemplo, eu mencionei William Morris. Talvez ele não seja marxista no sentido mais ortodoxo, mas Marx é uma das principais referências dele, que também se interessa pelo anarquismo. Talvez Morris seja um pouco marginal porque ele não é um marxista no sentido mais clássico da palavra.

Mas, nós vamos encontrar no marxismo do século XX toda uma série de pensadores, que alguns declaradamente, outros implicitamente fazem parte do que se poderia chamar de Marxismo Romântico. Isso se aplica aos primeiros escritos de György Lukács primeiros escritos que têm uma característica romântica muito forte. Os escritos pré-marxista dele são românticos, mas também os primeiros escritos marxistas tem essa característica. Isso vai se diluindo e ele se torna anti-romântico, um crítico muito duro.

O amigo do Lukács, Ernst Bloch é talvez o exemplo mais característico de um Romantismo marxista, inclusive ele se auto-designa, sobretudo se referindo aos seus escritos de juventude como um romântico revolucionário, e se nós tomamos os primeiros livros marxistas de Ernst Bloch que são “O Espírito da Utopia” e “Thomas Müntzer, o Teólogo da Revolução”, são livros tipicamente românticos revolucionários e marxistas. O último capítulo do Espírito da Utopia chama-se “Karl Marx: morte e apocalipse”. Bom, só que contrariamente a Lukács, Ernst Bloch vai continuar nesse

espírito romântico do marxismo no conjunto de sua obra, pode-se dizer, com matizes. Mas o conjunto da obra de Ernst Bloch pode-se caracterizar como romântico marxista.

Walter Benjamin também é alguém que antes de descobrir o marxismo, descobre o Romantismo. O primeiro artigo de Walter Benjamin se chama “Romantismo”. Bom, quando ele descobre o marxismo, ele não vai abandonar o Romantismo, ele vai tentar articular o marxismo com o Romantismo. E com isso o marxismo dele vai ter características muito particulares, por exemplo, para ele o marxismo e o comunismo são críticos da civilização ocidental e tem uma dimensão de pessimismo, quer dizer, o pessimismo revolucionário de Benjamin tem a ver com essa raiz romântica. Bom, pode-se mostrar como na obra marxista de Benjamin, a partir do momento que ele descobre o marxismo, o Romantismo é uma dimensão essencial.

Henri Lefebvre é alguém que veio do Romantismo ao marxismo e que manteve sempre na sua obra essa questão romântica. Nos anos 70 ele rompe com o Partido Comunista e, embora continue marxista, escreve um artigo chamado “Por um Novo Romantismo”. O Romantismo atravessa a sua obra.

Nos escritos de André Betron, dos anos 30, ele considera que o marxismo e o materialismo dialético são românticos. Poderíamos dar vários outros exemplos, Marcuse, em parte a escola de Frankfurt, não inteiramente, dentre outros. Há toda uma parte importante do marxismo do século XX, um marxismo heterodoxo digamos, não é o marxismo dominante, não é o marxismo dos partidos sociais-democrata, nem dos partidos comunistas, é um marxismo mais de

intelectuais, um pouco marginais em relação às correntes principais do movimento esquerda. Mas entre essas figuras muitos se situam nisso que eu chamo de Marxismo Romântico.

HCO: O senhor comentou que a esquerda sempre teve uma visão negativa do Romantismo. Talvez porque o Romantismo é visto como algo idealista do ponto de vista filosófico. Como entender essa questão do Romantismo-idealismo sob o ponto de vista da filosofia, e o marxismo nisso?

ML: O Romantismo político pode tomar forma conservadora e revolucionária, e pode tomar formas idealistas ou formas materialistas. Ernest Bloch é alguém que se interessa muito pela religião, ele é fascinado pelas formas religiosas... bom, será que é idealismo? Não, porque Ernest Bloch é um materialista histórico e dialético declarado, para ele a religião interessa na medida em que ela seja secularizada. Isto é, que os ideais religiosos que são interessantes sejam trazidos do céu para a terra, e sejam traduzidos numa linguagem política material, quer dizer, quando o cristianismo diz “no reino dos céus seremos todos irmãos, e iguais”... então Bloch diz que esse bonito ideal, que implicitamente é uma crítica da sociedade em que nós vivemos, bom, vamos trazer o céu para terra, queremos o reino dos céus aqui em baixo e traduzido em termos materiais. Então esse Romantismo de Bloch, para dar esse exemplo, ele dá a volta por baixo, digamos. Quer dizer, ele toma os temas idealistas do Romantismo e lhes dá uma tradução materialista, política, secularizada, etc. Essa secularização que ele propõe, se opõe à secularização vulgar, dos materialistas vulgares que simplesmente diz “a religião é idealista, portanto: lata do lixo”. Para ele não,

a religião tem uma dimensão comunista, o cristianismo primitivo era comunista, os profetas bíblicos são comunistas, então não queremos jogar a religião na lata do lixo, não! É muito importante esse tesouro cultural e político da religião, é fundamental. E ele está presente na cultura popular, então temos que trazer isso para o nosso programa e para a nossa cultura revolucionária. Então a secularização que ele faz se opõe a secularização do materialismo vulgar.

HCO: Professor, pensando um pouco na nossa América Latina, o senhor já afirmou que Mariátegui possui uma visão romântica, o senhor poderia falar um pouco mais a respeito?

ML: Na minha opinião Mariátegui é um dos grandes pensadores marxistas do século XX, não só peruano e latino-americano, mas universal. Assim como Che Guevara, que não é um autor de trabalhos sobre Cuba, é um dos grandes pensadores marxistas de nossa época. Então, a mesma coisa com Mariátegui, se a gente compara os escritos de Mariátegui no seu conjunto com Gramsci, Lukács há uma grande semelhança, há quase uma afinidade... as vezes identidade, não porque eles leram uns os outros, provavelmente Mariátegui não leu nem Gramsci nem Lukács, mas há muitos elementos comuns; para mim, Mariátegui é um pensador do mesmo quilate do jovem Gramsci, do jovem Lukács. Mariátegui escreveu ensaios sobre o Surrealismo que são perfeitamente comparáveis a um ensaio escrito, praticamente no mesmo ano de 1929, por Walter Benjamin. Os dois são ensaios marxistas sobre o surrealismo, os argumentos dos dois são muito parecidos, foram escritos no mesmo ano, se ignoravam reciprocamente, mas são perfeitamente comparáveis. Então, acho que é importante para a América Latina

integrar isso. Mariátegui é um grande pensador da realidade peruana, da América Latina, e do mundo, e do marxismo e do socialismo, e da ética, e da religião... tudo. Ele é um dos grandes pensadores marxistas do século XX. E o marxismo dele tem essa dimensão romântica muitas vezes explícita desde o começo. No seu pensamento o Romantismo de nossa época é o comunismo.

Há um ensaio de Mariátegui, de 1924-25, que dois tipos de Romantismo são apresentados, há o Romantismo Reacionário que vai dar no fascismo, e o há o Romantismo Revolucionário que vai dar no bolchevismo. Pode-se discutir isso... mas é a visão dele. Inclusive ele tem uma interpretação do bolchevismo que é muito curiosa, ele cita uma frase de Unamuno e não sei de onde Unamuno tirou essa ideia, de que Lenin teria dito em algum momento “se a realidade não é conforme o nosso programa, ou a nossa teoria, tanto pior para a realidade”. Unamuno e Mariátegui tomam isso no sentido positivo, quer dizer, vamos passar por cima da realidade, vamos mudar a realidade, no sentido do voluntarismo, a nossa vontade revolucionária vai passar por cima da realidade, vai contra a realidade. Obviamente Lênin nunca disse isso, era alguém muito pragmático. Mas Mariátegui elogia Lenin – vejam aí, esse é o verdadeiro revolucionário. E, o jovem Lukács também retoma essa frase.

Mariátegui, então, tem essa dimensão romântica forte na interpretação do marxismo. Isso vai se traduzir, o que é mais interessante, na sua análise histórica sobre o Peru e a América Latina e no seu programa político para a região. Ao analisar a história do Peru, nos Sete Ensaios e em outros escritos, ele começa com o período Pré-Colombiano, antes da chegada dos espanhóis. Fala do

Império Inca e considera que no Império Inca, na sua base econômica e social, haviam estruturas coletivistas de trabalho. Ele chamava a organização coletiva da propriedade da terra e o trabalho coletivo que caracterizavam o sistema Inca de “Comunismo Inca”. Os críticos marxistas ortodoxos caíram em cima questionando como ele poderia dizer algo assim, que aquilo era um Nacionalismo Peruano, um Romantismo e um Populismo intelectual.

O curioso é que essa expressão “Comunismo Inca” aparece num livro publicado, praticamente na mesma época dos Sete Ensaíes, por Rosa Luxemburgo. O livro, chamado “Introdução à Economia Política”, tem um grande capítulo sobre o Comunismo Primitivo, em que Rosa fala do comunismo Inca e faz grandes elogios ao sistema. Ninguém pode acusar Rosa Luxemburgo, nem de nacionalismo peruano, de populismo na de, Romantismo talvez. Essa tradição coletivista permaneceu entre os camponeses, os indígenas, as comunidades indígenas peruanas, e mais além do Peru, o Império Inca era também a Bolívia, Colômbia. Apesar dos espanhóis terem almejado destruir essa tradição, ela segue até hoje. Então, nós comunistas, socialistas do século XX, o que devemos fazer? Nos apoiar nessas tradições coletivistas dos indígenas e camponeses, ir aos indígenas e camponeses dizendo: - essa prática de vocês é a base do nosso programa socialista, de fazer uma reforma agrária, na qual a terra, nós vamos tomar dos latifundiários e entregar para vocês, nas suas comunidades de forma coletivistas. E, explicar aos camponeses que os operários querem fazer o mesmo com as fábricas. Quer dizer, criar essa unidade entre os operários e os camponeses a partir dessa cultura, dessa tradição coletivista, dessa tradição que vem

do comunismo. Agora, ao mesmo tempo, obviamente Mariátegui não quer restaurar o Império Inca. Há uma corrente reacionária indigenista que quer voltar ao passado, que quer restaurar o Império Inca. Nada disso. Tem uma passagem onde Mariátegui diz que o Comunismo Moderno é muito diferente do Comunismo Inca, porque o Comunismo Inca era autoritário, tirânico, quer dizer, o inca tinha lá o imperador que mandava; e o nosso Comunismo Moderno não pode ser tirânico, autoritário, e ditatorial, tem que ser democrático, respeitando as liberdades individuais. O argumento é muito atual e além do que, vai ser um comunismo também industrial, não só agrário. Então, ele dissocia, claramente não quer voltar ao passado, mas ele quer dar essa volta pelo passado em direção ao futuro. O raciocínio dele é típico do que eu chamo Romantismo Revolucionário. Obviamente, ele não foi entendido pelos comunistas ortodoxos como Codovilla. No congresso dos partidos comunistas em 1929, Mariátegui estava muito doente, cortaram a sua perna e de cadeira de rodas, não pode ir. Ele enviou uma tese onde ele defendia essa colocação. E o Vittorio Codovilla que era um estalinista duro, já desde os anos 20, dizia que na América Latina estava tudo fora da realidade. Segundo Codovilla, o progresso na América Latina passaria por uma Revolução Democrática Nacional que seria feita com a burguesia progressista e não havia lugar nessas especulações para os camponeses.

Mariátegui é um exemplo muito interessante de como o Romantismo Revolucionário não fica só nas especulações poéticas, mas se traduz num programa. Um programa não só para o Peru, mas para a América Latina. O Mariátegui dizia, uma frase famosa dele: o Socialismo é uma ideia Universal, mas ela

tem raízes americanas aqui do nosso continente. O socialismo aqui não deve ser calco e cópia de outras experiências, tem que ser uma criação heróica dos nossos povos, a partir de suas tradições e suas culturas, portanto, será um Socialismo Indo-americano. Essa é a proposta dele, a única alternativa a uma América Latina dominada pelo imperialismo é o Socialismo Indo-americano. Então essa é proposta dele não só para o Peru, mas para toda América Latina.

HCO: *Professor, muito obrigado, eu lhe agradeço por seu tempo e por sua entrevista.*